

Entre os vazios do cerrado e a abundância da memória: a história de resistência de Dona Laurentina, matriarca do Quilombo de Mumbuca

Alice Agnes Spíndola Mota Pinho¹
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este artigo analisa a história de resistência e as transformações vivenciadas na comunidade quilombola de Mumbuca, no Tocantins, a partir das narrativas de Dona Laurentina, matriarca centenária. Através de uma abordagem etnográfica com ênfase nas memórias de uma anciã, o trabalho analisa como a história e a cosmologia quilombola ressignificam o território, desafiando noções de "vazio" e "abundância" no cerrado do Jalapão. A narrativa de Dona Laurentina revela a centralidade das mulheres na preservação cultural e na luta pela terra, destacando o artesanato de capim dourado como eixo de transformação socioeconômica e de gênero. O estudo contribui para os debates sobre resistência, memória, cosmologia e identidade em comunidades tradicionais.

Palavras-chave: gênero; resistência; memória coletiva; cosmologia quilombola; Mumbuca.

MOTA PINHO, Alice Agnes Spíndola. Entre os vazios do cerrado e a abundância da memória: a história de resistência de Dona Laurentina, matriarca do Quilombo de Mumbuca. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (28): 139-156, janeiro a abril de 2025. ISSN: 2358-5587

¹ Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins. Doutora em antropologia (ISCTE, 2016), com Pós-Doutorado em Comunicação e Arte (UA, 2023).

Between the emptiness of the cerrado and the abundance of memory:

Dona Laurentina's story of resistance, matriarch of the Quilombo of Mumbuca

Abstract: This article analyzes the history of resistance and the transformations experienced in the quilombola community of Mumbuca, in Tocantins, through the narratives of Dona Laurentina, a centenarian matriarch. Using an ethnographic approach with an emphasis on the memories of an elder, the article examines how quilombola history and cosmology reframe the territory, challenging notions of "emptiness" and "abundance" in the Jalapão cerrado. Dona Laurentina's narrative reveals the central role of women in cultural preservation and the struggle for land, highlighting golden grass craftsmanship as a key axis of socioeconomic and gender transformation. The study contributes to debates on resistance, memory, cosmology, and identity in traditional communities.

Keywords: gender; resistance; collective memory; quilombola cosmology; Mumbuca.

Entre los vacíos del cerrado y la abundancia de la memoria:

la historia de resistencia de Doña Laurentina, matriarca del Quilombo de Mumbuca

Resumen: Este artículo analiza la historia de resistencia y las transformaciones vividas en la comunidad quilombola de Mumbuca, en Tocantins, a partir de las narrativas de Doña Laurentina, una matriarca centenaria. A través de un enfoque etnográfico con énfasis en las memorias de una anciana, el artículo examina cómo la historia y la cosmología quilombola resignifican el territorio, desafiando las nociones de "vacío" y "abundancia" en el cerrado de Jalapão. La narrativa de Doña Laurentina revela el papel central de las mujeres en la preservación cultural y en la lucha por la tierra, destacando la artesanía de capim dorado como eje de transformación socioeconómica y de género. El estudio contribuye a los debates sobre resistencia, memoria, cosmología e identidad en comunidades tradicionales.

Palabras clave: género; resistencia; memoria colectiva; cosmología quilombola; Mumbuca.

A história dos quilombos brasileiros está arraigada à construção discursiva de territórios considerados vazios ou inóspitos comuns nas narrativas coloniais e desenvolvimentistas. Estes espaços considerados desérticos não correspondem necessariamente a uma ausência de vida, mas sim assim descritos por sua resistência aos modos de produção, vivência e dominação impostos. Embora sejam frequentemente vistos como inacessíveis ou hostis, tais lugares abrigam dinâmicas que desafiam às concepções convencionadas de produtividade e progresso. O quilombo de Mumbuca, localizado no Jalapão, Tocantins, exemplifica tais tensões entre o vazio discursivo e a abundância simbólica.

Dona Laurentina, anciã e matriarca de Mumbuca, carrega em suas memórias as marcas de um passado de resistência e transformação. Por meio de suas narrativas, é possível mapear as formas pelas quais a comunidade consolidou um modelo de vida que subverte os estigmas de atraso e improdutividade muitas vezes atribuídos ao território do cerrado tocantinense. Suas narrativas revelam um passado marcado por lutas territoriais e adversidades, mas também destacam as formas como sua comunidade transformou um espaço estigmatizado como um vazio em um lugar de abundância e significado.

O conceito de resistência é suscetível a múltiplas interpretações, contudo, nesta análise, será utilizada a definição proposta por Morin (2012) que compreende a capacidade de preservar a continuidade das formas de vida de um povo frente às opressões e às dinâmicas impostas pelo mundo moderno. Este artigo discute a relação entre memórias, território e resistência no contexto da cosmologia quilombola e seus vínculos com a ecologia local. Através de uma perspectiva etnográfica, são discutidas as ideias de resistência e a resignificação dos conceitos de vazio e abundância na região do Jalapão. Para uma compreensão mais abrangente da cosmologia em defesa existencial do quilombo, utilizou-se o conceito discutido pelos autores quilombolas Antônio Bispo do Santos (2015) e Ana Cláudia Matos Silvas (2019), sendo esta última quilombola de Mumbuca e neta de Dona Laurentina.

Ao focar no depoimento de uma matriarca, que vivenciou diferentes épocas no território, busca-se proporcionar novas compreensões sobre o quilombo a partir das memórias de uma mulher que se posiciona como narradora da própria vida e figura respeitada em sua comunidade. A reconstrução de trechos do passado a partir de situações do presente acrescenta novas perspectivas à etnografia dos mumbucas do Tocantins, permitindo compreender o viver aquilombado como uma forma de resistência às lógicas de poder colonial (SILVA, 2019).

A análise realizada fundamenta-se em uma abordagem etnográfica, utilizando a história oral e a observação participante (BECKER, 1969) como ferramentas metodológicas. A pesquisa baseou-se em sete visitas realizadas à comunidade de Mumbuca entre os anos de 2011 e 2018, durante as quais foram con-

duzidas entrevistas semiestruturadas. Dona Laurentina foi a principal interlocutora, oferecendo narrativas detalhadas sobre a história sobre a comunidade, suas práticas culturais e os desafios enfrentados ao longo de décadas.

A partir da oralidade de Dona Laurentina, esta pesquisa analisa a importância da cosmologia quilombola na ressignificação dos conceitos de vazio e abundância, desafiando as lógicas que tradicionalmente associam o cerrado a um espaço desértico e inóspito. O estudo também investiga as transformações nas relações de gênero e o protagonismo das mulheres na economia local, processo este associado a aspectos ecológicos a partir do desenvolvimento do artesanato de capim dourado em Mumbuca. A narrativa de Dona Laurentina, enquanto memória individual e simbólica, constitui-se como uma ferramenta analítica central para a compreensão do território, da cosmologia e da identidade quilombola em Mumbuca.

Cosmologia quilombola: resistência e memória

Os quilombos brasileiros vivenciaram um século de invisibilidade desde a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 à promulgação da Carta Magna de 1988. Neste período a expressão “quilombola” desapareceu do vocabulário popular, sendo retomada e ressignificada a partir do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que reconheceu aos remanescentes destes grupos o direito legítimo ao território habitado.

A Constituição Federal de 1988 reconheceu a pluralidade cultural existente no Brasil e conferiu a indígenas e quilombolas, dentre outros, o direito à regulamentação do território. É nesse contexto que se situam as lutas da comunidade quilombola de Mumbuca, no Tocantins, cujo território centenário tornou-se cenário de disputas de poderes. Na década de 1930 o impasse se deu contra fazendeiros locais, posteriormente em 2021 o embate pelo território se deu contra o Instituto Natureza do Tocantins, devido à criação do Parque Estadual do Jalapão² em sobreposição às terras quilombolas no ano de 2021.

No dia 17 de janeiro de 2006 os mumbucas receberam o certificado permanente de “remanescente quilombola” através da Portaria nº 02 da Fundação Palmares, uma vez reconhecidos oficialmente pelo Estado brasileiro como descendentes de quilombolas os mumbucas tornaram-se legítimos proprietários do território habitado, “devendo o estado emitir-lhes títulos respectivos” (art.68/ADCT/CF1988).

A comunidade quilombola de Mumbuca está localizada no município de Mateiros (georreferenciação 100 34’ 42” Sul, 460 25’ 26” Oeste), nas imediações do Jalapão³, próximo às divisas com os estados da Bahia, Maranhão e Piauí, e possui um total de aproximadamente 169 habitantes (SEPLAN, 2003: 133), em sua maioria pertencentes à uma linhagem de pessoas escravizadas que migraram em fuga da Bahia em meados do século XIX e XX segundo relatos da tradição oral local.

O vínculo entre quilombolas e o território vai além da simples ocupação material do espaço, ele está profundamente enraizado na representação simbólica da terra, que se configura como um elemento de acolhimento, sobrevivência e resistência. Esse elo é parte de uma cosmologia em defesa existencial (SILVA,

² O Parque Estadual do Jalapão é uma Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral que coincide com outras UCs: a Área de Proteção Ambiental Estadual do Jalapão, a Área de Proteção Ambiental Federal da Serra da Tabatinga e a Estação Ecológica da Serra Geral do Tocantins. (SANTOS e MARON, 2009: 4348). Sua georreferenciação: 100 08’52” e 100 37’01” de latitude sul e 46024’04” e 46056’10” de longitude oeste.

³ Área formada por cinco unidades de conservação ambiental.

2019), onde o território deixa de ser um mero espaço físico e torna-se vivo, interligado com as histórias de seus habitantes. Nos discursos e nas memórias dos quilombolas, a terra se apresenta como o alicerce da identidade cultural coletiva, reafirmando as noções de pertencimento e continuidade.

A cosmologia quilombola (CASCUDO, 2009; MELO e BARROS, 2016; FARIAS *et al.*, 2020), pode ser compreendida como um sistema de conhecimentos, tradições e práticas que integram o humano ao ambiente, atribuindo significados sagrados ao território e suas vivências. Para os quilombolas de Mumbuca a terra é o espaço de troca e reciprocidade, onde elementos naturais - como o capim dourado, o buriti e toda a ecologia do cerrado - são participantes da vida coletiva. Essa perspectiva cosmológica desafia as noções coloniais de "vazio" e "abundância", pois ressignifica o território e seus sentidos. A terra, enquanto elemento de resistência, passa a ser o símbolo visível da história de um povo.

O território é o local de pertença das memórias, tanto as individuais, quanto as coletivas (MOMBELLI, 2009; HALBWACHS, 1990; POLLACK, 1989). A memória, como elemento constituinte da história oral de Mumbuca, estabelece o elo entre passado e atualidade, por isso, para contextualizar as situações de resistência e luta pelo território vivenciadas nas últimas décadas na comunidade quilombola, recorro às narrativas da anciã de Mumbuca, Dona Laurentina, que nasceu e passou toda a vida no quilombo, sendo a pessoa mais idosa entre os mumbucas. A escolha é justificada pela centralidade que Dona Laurentina ocupa na comunidade como guardiã das mais antigas memórias do quilombo.

A importância das mulheres na tradição oral é destacada por Philippe Joutard (2000), que enfatiza a função subversiva da história oral ao oferecer uma plataforma para vozes historicamente marginalizadas. Nesse processo, as mulheres não são apenas transmissoras de saberes, mas também se constituem como agentes fundamentais na formação e preservação da memória coletiva. Ao estabelecer a história oral como um meio de subverter as narrativas dominantes, Joutard sugere que, por meio dela, cada indivíduo, especialmente as mulheres, adquire protagonismo, afirmando seu papel central na construção do legado cultural.

A cosmologia quilombola está profundamente ligada aos processos de resistência e à preservação da memória através da tradição oral, constituindo um sistema complexo de significados atrelados ao território. Ao preservar e transmitir essas memórias, Dona Laurentina mantém vivos os saberes ancestrais e se posiciona como importante símbolo vivo da resistência ao apagamento cultural imposto pelas dinâmicas coloniais e desenvolvimentistas do mundo exterior ao quilombo.

Ecologia, gênero e autonomia no Quilombo de Mumbuca

Dona Laurentina Matos era a mais antiga moradora de Mumbuca no momento em que concedeu a entrevista que norteia este trabalho⁴. Conhecida por todos como Vó Laurentina, de acordo com seu documento de registro de nascimento ela teria 109 anos de idade quando conversamos pela primeira vez, mas ao ser interrogada sobre este assunto foi enfática em declarar que na verdade possuía apenas 98 anos e que sua certidão de nascimento fora registrada equivocadamente.

⁴ Cálculo para o ano de 2014 quando foi entrevistada pela última vez. Dona Laurentina faleceu no dia 10 de julho de 2022, aos 107 anos de idade, porém de acordo com seus registros de nascimento, foi a óbito aos 116 anos de idade.

damente. Considerada uma matriarca em Mumbuca, ela nasceu e cresceu no quilombo. Viúva desde os quarenta anos de idade, ela gosta de falar sobre o passado com visitantes e pesquisadores que a visitam. Em suas narrativas ela prefere falar sobre episódios históricos que evidenciam a própria resistência e as condições adversas que ela e seus ancestrais enfrentaram ao longo da vida no território habitado.

Segundo Ribeiro (1995: 130), a utilização das histórias de vida como método de coleta de dados em entrevistas implica reconhecer ao narrador um papel que vai além do simples informante. Ao contrário, essa abordagem confere ao narrador uma grande responsabilidade e autonomia, destacando sua importância no processo de produção do conhecimento.

Para a melhor compreensão do papel desempenhado por Dona Laurentina como parte essencial da memória coletiva da comunidade é importante destacar que ela está conectada, por meio de vínculos de parentesco, a todas as famílias da comunidade quilombola. Sua história se entrelaça à de todos numa vivência compartilhada de uma árvore genealógica comum.

Figura 1 – Dona Laurentina, a matriarca de Mumbuca. Foto: Autora, 2014



Ao descrever a família Mumbuca, a socióloga Ana Lúcia Pereira destaca a importância das relações de parentesco na vida social da comunidade.

A Comunidade Mumbuca é a grande família que habita o Povoado ou o tem como referência. São pessoas que conhecem o território e os segredos que a ele pertence. As famílias mumbuquenses estabelecem relações de produção comunitária, professam a fé em uma mesma religião e definem quem faz e quem não faz parte do grupo. As relações de parentesco são estabelecidas através do casamento prioritariamente no interior

do próprio grupo familiar ou religioso. São famílias que constituem um quilombo porque possuem formas e processos de organização social e política próprias dos grupos étnicos. (PEREIRA, 2012: 268)

A centralidade de Dona Laurentina na unidade familiar coletiva dos mumbucas, é reforçada pelo fato de ser ela a única pessoa viva da quarta geração da comunidade, e também a principal referência e testemunha do passado comum. Na cosmologia do quilombo, os anciãos são parte fundamental do processo de percepção e compreensão da história. A psicóloga Ecléa Bosi (1994: 63) ao falar da importância do idoso e de seus depoimentos explica que “tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças” e por isso tornam-se depositários de um tesouro coletivo, o passado.

Dona Laurentina é neta de um dos fundadores da comunidade quilombola e de Jacinta, uma indígena 'capturada no mato'⁵. Ela também é irmã de Dona Miúda, uma das primeiras artesãs do capim dourado⁶, figura de notória importância para a população de Mumbuca e falecida em novembro de 2010. Essas conexões genealógicas e culturais não são apenas demarcações na linha do tempo, mas uma teia de interações ecológicas e cosmológicas que vinculam os indivíduos ao território e ao saber que permeia as gerações, fortalecendo a resistência e a continuidade das tradições no contexto do quilombo.

No dia 15 de outubro de 2011 fui convidada por Dona Laurentina pela primeira vez para fazer uma visita a sua residência, até então havíamos trocado poucas palavras. O convite surgiu após contarem a Dona Laurentina que eu era jornalista e estava ali fazendo uma pesquisa sobre Mumbuca. Em relação ao processo de coleta de informações e entrevistas é importante ressaltar que meu gênero e raça influenciaram no processo de obtenção dos depoimentos, pois o fato de ser mulher e negra facilitou o meu contato e identificação com outras mulheres em Mumbuca. Esse cenário de convergência entre meus elementos biográficos e a pesquisa em andamento corresponde ao que Ruth Behar (1996: 14) descreve como “a exposição do pesquisador, que também se torna espectador”, o que permite ao investigador alcançar lugares nos quais jamais poderia chegar.

Assim que cheguei à casa da anciã ela começou a contar como era a vida na comunidade em sua juventude e narrou com entusiasmo as experiências que considerava mais marcantes em sua história. A conversa foi gravada a pedido da matriarca, que me solicitou também que contasse sua história por onde quer que eu fosse.

A primeira história narrada por Dona Laurentina, no dia em que me convidou à sua casa, foi um relato sobre as origens do povoado, chamando a atenção para a questão feminina ao relatar a captura violenta de mulheres indígenas nativas da região pelos primeiros habitantes de Mumbuca.

A velha Jacinta minha avó foi pegada⁷ no mato, pra amansar, a vó do meu marido também foi pegada no mato pra amansar, o povo do mato mesmo. E o povo veio fugido porque o avô do meu marido era negro e ele que pegou a Jacinta. (Laurentina, entrevista concedida à autora em 15 de outubro de 2011)

⁵ Expressão usada por Dona Laurentina ao falar sobre sua avó.

⁶ A autoria da técnica de artesanato do capim dourado é atribuída à comunidade quilombola de Mumbuca pela Fundação Cultural do Estado do Tocantins e popularmente reconhecida. Existem debates na região e em algumas comunidades quilombolas vizinhas quanto ao mérito da criação do artesanato, sendo o trançado típico também reivindicado por povos indígenas da região.

⁷ Todas as palavras das entrevistas foram transcritas com total fidelidade à pronúncia e sintaxe da interlocutora com o objetivo a preservação da idoneidade da pesquisa, através da transcrição literal do discurso

Ao contar a história da sua vida, Dona Laurentina opta por começar com uma narrativa sobre suas ancestrais, descrevendo uma atitude masculina de subjugação da mulher. Ao declarar que sua avó foi “pegada no mato” ela relata um contexto de dominação e submissão das habitantes da região que eram capturadas pelos fugitivos da escravidão. A opção pelo verbo “amansar” denota a resistência e luta das mulheres indígenas nesse processo violento descrito de maneira análoga à domesticação. Por motivos que escapam aos objetivos do presente trabalho, não será aprofundada a discussão e análise do comportamento dos homens fundadores de Mumbuca neste estudo. No entanto, é imprescindível destacar o aspecto violento mencionado no relato de Dona Laurentina, refletindo sobre ele a partir de uma perspectiva crítica, especialmente à luz do histórico de dominação escravista que originou o quilombo.

Uma vez integradas à comunidade quilombola, as indígenas tornavam-se parte dela na mesma proporção que as outras mulheres do grupo. Observa-se nas feições de muitos moradores de Mumbuca, incluindo Dona Laurentina, as complexas interações entre os quilombolas e os povos indígenas da região. Essa relação não se resume a uma mera interracialidade, mas denota uma conexão cosmológica ora tensa e violenta, ora pacífica e voluntária. A interação profunda entre estes povos de diferentes culturas em um território compartilhado resultou no entrelaçamento de vivências e tradições, estabelecendo componentes fundamentais da resistência, da negociação e da continuidade do quilombo.

Após falar das origens do quilombo, Dona Laurentina prossegue com a narrativa, reconstituindo um grande embate pelo território no tempo da sua juventude. A narrativa evidencia a importância da terra na cosmologia quilombola, nela Dona Laurentina descreve eventos ocorridos na década de 1930, numa disputa contra “um rico fazendeiro chamado Temosílio”.

O território quilombola é uma extensão vital das práticas culturais e espirituais da comunidade, simbolizando uma cosmologia própria em que a terra é a guardiã da memória e das tradições coletivas. A disputa territorial entre os mumbucas e o fazendeiro Temosílio, embora localizada no cerrado remoto, conecta-se a outros cenários de resistência que marcaram o Brasil durante uma época em que práticas de opressão e conflitos por terra eram comuns.

Depois que amansou (o lugar), o povo quis tomar, um homem muito rico chamado Temosílio quis tomar... Foi o empregado dele e botou fogo bem aqui perto de onde a gente mora, botou a gente com raiva, botou nós dentro de casa, tudo! O meu marido... caminhou pra serra, pra casa do seu Sebastião, e ele acobertou, o Sebastião. Ele ia para a serra e eu ficava sozinha nesse matão com as crianças desse tamaninho ó (indica com as mãos cerca de 80 cm de altura), ele ia e vinha, quando chegava a meia-noite eu escutava bater. Era quatro dias, cinco dias pra ele me ver. (...) Nós lutamos por esse lugar. Lutamos! Temosílio queria tomar de nós, mas Deus abençoou que não tomou não. (...) Nós ganhou a questão... Acabou com ele. Mas também nós não pegamos nem um fiapo dos trem dele, deixou tudo longe lá. Ele teve que ir embora e deixou tudo aí... a madeira do carro, ficou tudo praí, que ele era rico. Num foi caçoada não, nós sofreu demais! (Laurentina, entrevista concedida em 15 de outubro de 2011)

A narrativa da anciã destaca como os quilombolas enfrentaram as pressões externas sem perder a conexão com as dinâmicas ecológicas do território. O cerrado e região do Jalapão, muitas vezes percebidos como vazios ou inóspitos, foram para os mumbucas um espaço de abundância simbólica e material, e eles lutaram pela preservação de sua ecologia contra as investidas de exploração. O enfrentamento contra Temosílio descreve a luta por sobrevivência e reafirma o vínculo cosmológico entre a comunidade e a terra na defesa existencial.

A resistência coletiva descrita por Dona Laurentina, na qual se inclui ativamente, apresenta elementos de tonalidade mítica, como o sofrimento, a batalha, o heroísmo, a conquista e um desfecho com a fuga do adversário. Nota-se também ao longo da narrativa o destaque feito à própria resistência, o que expressa a relevante significância vista por Dona Laurentina em seu papel de cuidar dos filhos e suportar as adversidades sozinha enquanto o marido viajava para prover o alimento e lutar pela terra. A matriarca não aparenta quaisquer ressentimentos ou sentimentos de subalternidade em sua narrativa, e não obstante à divisão de trabalhos com base nas questões de gênero ela narra com orgulho o sofrimento vivenciado durante as disputas territoriais, não se eximindo dos créditos ao usar a primeira pessoa do plural em sua afirmação “nós lutamos por esse lugar”.

Uma vez resolvido o embate contra o fazendeiro Temosílio, os moradores de Mumbuca enfrentaram períodos de seca e privação, ao ponto de, por diversas vezes considerarem a possibilidade de abandonar o local em busca de novas terras. Apenas em meados da década de 1980 a comunidade começou a vivenciar mudanças sociais e econômicas significativas, impulsionadas pela troca de peças artesanais de capim dourado por alimentos em povoados vizinhos. Essa prática emergiu como uma solução para muitos dos problemas básicos enfrentados por Mumbuca, marcando o início de um processo de transformação econômica e das relações de gênero.

Dona Laurentina descreve o período de envolvimento feminino nas atividades comerciais, destacando a dura realidade das viagens para o escambo, nas quais se trocava o capim dourado por sal e outros produtos. A partir de então torna-se perceptível a mudança nas relações entre gêneros, pois as mulheres já não ficam na comunidade esperando que os homens retornem depois de um longo período de ausência. Elas participam ativamente da economia e do comércio.

Sofri demais. Ia buscar o sal, punha o sal na cabeça, e o sal quando era meio-dia derretia, e caía nos olhos, o choro saía junto com o sal, de dor nos olhos. O casco da minha cabeça ficou pelado por causa do sal. Só pra sair daqui e ir lá. Foi sofrimento! Num foi brincadeira não! A cabeça pelada. Muito sofrimento pra não sair. (Laurentina, entrevista concedida 15 de outubro de 2011)

A transformação nas dinâmicas comunitárias também se desdobrou em uma reconfiguração das relações ecológicas entre os mumbucas e o cerrado jalapoeiro. Ao utilizar o artesanato de capim dourado, um recurso natural e abundante, como moeda de troca a comunidade aprofunda o seu vínculo com a terra. O espaço habitado, apesar de árido e desafiador, oferece abundância material e simbólica para aqueles que sabem como cuidar dele. Essa prática de troca e respeito é, portanto, uma manifestação concreta da cosmologia quilombola de Mumbuca (SILVA, 2019), que enxerga no cerrado não apenas o terreno desértico, mas um espaço de reciprocidade e continuidade, onde as relações de gênero, de trabalho e de ecologia se entrelaçam para garantir a sobrevivência e a prosperidade da comunidade.

À semelhança de outras sociedades, em Mumbuca as conquistas femininas de direitos de igualdade no trabalho resultaram também em acúmulo de funções. Dona Laurentina passou a participar de viagens comerciais, mas permaneceu durante cerca de quatro décadas exercendo papéis tradicionalmente femininos na comunidade, como o de parteira e de sabedora do uso e aplicação de plantas medicinais.

Dona Laurentina não se dedicou ao artesanato do capim dourado como sua irmã Dona Miúda, mas tornou-se autoridade nos conhecimentos relativos à saúde

na comunidade, a importância disto em suas memórias é atestado pela forma como une tais informações em um discurso contínuo, ressaltando a própria bravura nas vivências externas e internas da vida quilombola.

Eu fui parteira, 34 anos parteira, nunca morreu uma mulher em minha mão, nem uma criança. Nem uma mulher nem uma criança, nunca também ganhei nem uma luva, só de Deus. (...) Num tinha remédio, num tinha doutor, num tinha nada. (Laurentina, entrevista concedida 15 de outubro de 2011)

Na tradicionalidade da medicina natural, que permeia as práticas de cura e cuidado na cosmologia de Mumbuca, Dona Laurentina destaca a importância dos conhecimentos transmitidos por suas ancestrais e pelo conhecimento do território. Ela enfatiza os méritos dos saberes naturais enraizados na relação com o cerrado, como uma forma de resistência em contraponto aos produtos da realidade externa, que não se faziam presentes ou sequer possíveis na sua realidade.

Segundo Halbwachs (1990: 51), “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e este ponto de vista pode se alterar mediante outras variáveis. Ao conviver com os mumbucas percebi que a maioria dos depoimentos sobre a comunidade fazia menção aos moradores mais velhos, sendo estes muitas vezes citados como testemunhas da veracidade dos fatos narrados. Os anciãos são na comunidade quilombola os portadores e construtores da história e por este motivo, Dona Laurentina como a moradora mais velha da comunidade é a depositária de um “tesouro comum”⁸ prestigiado por todos.

As falas da matriarca de Mumbuca indicam que o vazio associado ao Jalapão não corresponde a uma ausência de recursos naturais, pelo contrário, é fruto de narrativas externas que não reconhecem a ecologia e os saberes locais. A percepção de Dona Laurentina sobre a terra é cosmológica, um elo com as gerações passadas e futuras. Suas narrativas apresentam uma desconstrução crítica das categorias “vazio” e “abundância”, que historicamente definiram a percepção sobre o cerrado e, mais especificamente, a região do Jalapão. Frequentemente descrito pelas lógicas coloniais e desenvolvimentistas como um espaço inóspito e desértico, o cerrado é ressignificado nas histórias de Dona Laurentina como um território desafiador, porém repleto de vida, cultura e potencialidades para aqueles que se mostram dignos dele.

A abundância da tradição

Ao falar da realidade do tempo presente Dona Laurentina demonstra que a resistência ainda existe e manifesta-se nas mais variadas perspectivas, em diversas esferas da vida cotidiana. Embora grande parte de seu discurso se concentre no passado, ela se posiciona com firmeza contra algumas mudanças e influências externas que têm impactado a comunidade quilombola. Sua visão sobre o futuro de Mumbuca está profundamente conectada ao respeito pela tradição e pela continuidade de formas de vida que ela considera essenciais para a identidade do povoado.

Não é para fazer casa de tijolo aqui na Mumbuca. Eu quero é casa de palha, é casa de adobe, isso, se fizer assim tá fazendo a coisa que eu to pedindo.(...) Meus avós, meus pais, meus irmãos, meus filhos, já usava essa terra desde o Rio Novo (...) Essa terra eu quero ficar com ela, por causa dos filhos, dos netos. (Laurentina, entrevista concedida em 25 de outubro de 2011)

⁸ Expressão utilizada por Halbwachs ao falar da importância da memória dos idosos nas sociedades. (HALBWACHS, 1990: 142)

Com a autoridade de uma liderança, Dona Laurentina reivindica que a tradição se mantenha na arquitetura do povoado e que ela possa permanecer na terra que pertenceu aos seus avós e assim deixá-la para seus descendentes. Ao exigir a preservação das construções de palha e adobe, Dona Laurentina pede que a arquitetura de Mumbuca se mantenha e também propõe uma continuidade ecológica e cosmológica. As casas de palha e adobe - materiais locais, naturais e sustentáveis - refletem uma íntima relação com o ambiente e a ecologia do cerrado, por meio do uso dos recursos abundantes sem sobrecarregar a terra. A escolha desses materiais locais está imbuída de uma compreensão cosmológica dos ciclos de fartuar e escassez que definem o cerrado e o Jalapão.

Assim que sinalizo o encerramento da entrevista, Dona Laurentina me convida para conhecer sua casa. Mostra cada cômodo e pede que eu faça algumas fotografias dela. Dona Laurentina dirige todo o processo dos registros, ela decide o cenário, a composição e o que deve ser fotografado. Depois de aprovar o resultado das primeiras imagens ela me conduz até a frente do terreno de sua residência e aponta para um conjunto de folhas de palmeira de piaçava com as quais as casas são cobertas. Ela faz questão de ser fotografada com uma folha de palmeira de buriti enquanto conta que na juventude carregava aquelas longas e pesadas palmas para fazer fogo e proteger a família da chuva e do sol. É nítido em sua narrativa o orgulho que ela tem da própria história, do passado e de sua influência na vida da comunidade.

Figura 2 – A folha de buriti da Dona Laurentina. Foto: Autora, 2011



O buriti é fundamental na história de Mumbuca por ser também a árvore sinalizadora das fontes de água, é por meio dele que os quilombolas se orientam nas colheitas ou em grandes jornadas na busca por rios e brejos ao sentirem sede, pois a planta só cresce em lugares encharcados e sua altura - que pode chegar a 30 metros - o torna bastante visível em meio à vegetação baixa e esparsa do cerrado.

O engenheiro florestal Maurício Sampaio (2010) desenvolveu uma pesquisa sobre o buriti na comunidade de Mumbuca e regiões próximas. De acordo com seus estudos, o amplo aproveitamento da palmeira e de seus frutos ricos em vitaminas podem ser apontados como elementos que colaboraram com a sobrevivência e continuidade das populações locais do Jalapão. O buriti é símbolo da abundância ecológica em Mumbuca, no quilombo a planta não se restringe ao utilitarismo de seus usos para alimentação, construção e orientação espacial, mas se mostra de grande importância e valor para aqueles que aprenderam a ler os seus sinais.

Em Mumbuca as maiorias das casas são construídas com adobe e a população mais velha, à semelhança de Dona Laurentina, prefere esta técnica construtiva ao uso da alvenaria industrializada. Trata-se da perpetuação de uma importante tradição quilombola e faz parte do patrimônio do remanescente.

As casas são todas de adobe com exceção dos dois prédios da escola, o antigo, ao lado do telefone e a nova escola construída pelo Governo Estadual em 2007. São casas antigas e novas que perpetuam o saber tradicional de construção da comunidade, que faz parte do seu patrimônio intangível. [...] O adobe é quando a terra crua é usada como material construtivo. Ela pode ser escavada, empilhada, modelada, prensada, apiloada, recortada, extrudida, pode servir de enchimento, de cobertura, de recobrimento, entre outros. Geralmente são feitos tijolos de adobe que servem de base para construção. (FREDRYCH, 2009: 67)

As técnicas de construção em Mumbuca exemplificam a continuidade de tradições e modos de vivências ecológicas dos ancestrais dos quilombolas, algumas delas trazidas do continente africano e transmitidas oralmente. De acordo com a arquiteta Juliana Prestes Ribeiro Faria (2011: 143), o “adobe é uma técnica construtiva amplamente utilizada na África Ocidental desde tempos imemoriais”.

A confecção do adobe está condicionado às características do espaço habitado e da matéria prima produzida. A escolha da terra que dará origem ao adobe envolve conhecimento sobre a textura e coloração do material, aparentemente semelhante a diversas outras misturas de terra e água. A terra do adobe é selecionada com minúcia e critérios que fazem parte dos conhecimentos empíricos dos quilombolas, a cor dos tijolos produzidos pode variar de tonalidade de acordo com a matéria prima utilizada. Após a escolha do material, este deve ser amassado e misturado com água por cerca de uma hora, depois aplicado e moldado conforme as demandas, após um período que pode variar de um a três dias, os tijolos secam ao ar, sem uso de fogo.

A construção tradicional é apresentada por Dona Laurentina como uma das razões para sua longevidade, segundo ela é por isso que não devem ser construídas casas de alvenaria e cerâmica na comunidade. Na residência da anciã o adobe também é símbolo de resistência, não há alvenaria, tijolos ou cerâmicas em toda a construção e ela relembra isto constantemente em seus discursos, orgulhosa e convicta dos benefícios da tradição centenária.

Após a fotografia, Dona Laurentina guarda a folha da palmeira de buriti e retorna ao local da nossa entrevista decidida a falar sobre as condições adversas

enfrentadas por ela e seus ancestrais em Mumbuca. Nesta parte de sua narrativa ela destaca a resistência dos quilombolas diante dos desafios naturais das terras do Jalapão. Esse relato não se limita a uma simples descrição das dificuldades, mas revela a vivência do território como um espaço de constante tensão entre vazios e abundâncias.

A primeira coisa que eu quero falar, é que aqui é brabo! Quem amansou foi o bisavô do meu marido, foi quem amansou este lugar. Aqui não tinha nada, era brabo, brabo, brabo. Num tinha parede assim, nada. A gente comia com colher de buriti (palmeira típica da região) e panela de barro, prato de barro, tudo de barro. Tudo! E a roça, o que nós vestia era o algodão. Os homens plantavam e tratavam e as mulheres fiavam. A mamãe era costuradeira. A mamãe já era nova já (nesse tempo). É muito antigo aqui. (Laurentina, entrevista concedida em 15 de outubro de 2011)

O uso repetitivo do verbo “amansar” nas falas de Dona Laurentina, indica a percepção da dualidade “dominação *versus* resistência”. Apesar das adversidades naturais, nota-se o desenvolvimento de uma forte relação entre a terra e os mumbucas, sendo o território o lugar que, após grande esforço dos quilombolas, torna-se um espaço de descanso, refúgio e origem de todas as formas de subsistência. Na terra de Mumbuca enraizaram-se as heranças culturais e dinâmicas cotidianas que hoje integram a identidade coletiva e a cosmologia quilombola.

O cerrado jalapoeiro pode ser visto como espaço improdutivo e desértico na lógica desenvolvimentista que privilegia sistemas agrícolas intensivos e monoculturas exploratórias, porém é necessário pontuar que tais percepções desconsideram os modos de vida tradicionais que coexistem em harmonia com os ciclos naturais da região.

No Tocantins, onde o agronegócio exerce forte influência econômica, a monocultura da soja se destaca como principal atividade produtiva, associada a práticas extrativistas voltadas para exportação (PEREIRA DE SOUZA e SCOLESO, 2024). Esse cenário torna ainda mais evidente a cosmologia de resistência dos Mumbucas, que resistem a essa lógica produtivista regional estabelecendo uma relação simbiótica com o território.

Resistência, negociação e transformação

Através da história oral tem-se por vezes a única forma de acesso a determinadas informações do passado. Isso pode ser observado na comunidade Mumbuca, cuja história documentada pela escrita inexistiu até meados da década de 1990. A oralidade é parte da cosmologia quilombola e permite a existência de versões alternativas, questionamentos e novas interpretações históricas sobre os fatos, uma vez que se constrói a partir das múltiplas memórias individuais e coletivas.

A memória e a história dos remanescentes quilombolas estão enraizadas no conceito de resistência. A palavra quilombo, de origem bantu, remete à ideia de acampamento guerreiro na floresta (FREITAS, 2011), uma noção que carrega consigo não apenas o conceito de resistência, mas também de uma relação profunda e simbiótica com o território. Historicamente, durante o período colonial, os quilombos representaram espaços de refúgio e resistência contra a opressão, mas também foram lugares de recriação de cosmovisões próprias, em que se reconfigurava o mundo de acordo com as práticas ancestrais, adaptadas à realidade imposta pela escravidão.

A compreensão da resistência quilombola, quando observada no contexto contemporâneo, muitas vezes se cruza com a ideia de negociação (SCOTT, 2002)

e transformação. No entanto, ao abordar as relações de resistência, é possível observar que o conceito se estende além de um campo puramente político ou social, tocando profundamente a cosmologia e a ecologia dessas comunidades. O quilombo, enquanto um espaço de resistência, é também um espaço de pertencimento, de vínculos entre o humano e o natural, onde as práticas culturais e as relações com o ambiente são fundamentais para a constituição da identidade coletiva.

No campo das análises antropológicas, as ações de resistir e negociar mostram-se complexas quando observadas à luz da realidade de comunidades quilombolas brasileiras, pois embora denotem ideias distintas em suas essências, desde as origens dos povos quilombolas existem relatos de episódios de negociação entre quilombolas e pessoas de fora da comunidade.

Embora em lugares protegidos, os quilombolas na sua maioria viviam próximos a engenhos, fazendas, lavras, vilas e cidades, na fronteira da escravidão, mantendo uma rede de apoio e interesses que envolvia escravos, negros livres e mesmo brancos, de quem recebiam informações sobre movimentos de tropas e outros assuntos estratégicos. Com essa gente eles trabalhavam, se acoitavam, negociavam alimentos, armas, munições e outros produtos; com escravos e libertos podiam manter laços afetivos, amigáveis, parentais e outros. A ideia muito comum, de que os quilombos formavam comunidades isoladas e autossuficientes não é confirmada pela pesquisa. (REIS, 1996: 21)

A dialética entre resistência e negociação é notável a partir das narrativas de Dona Laurentina. Percebe-se a aproximação entre as noções de resistência e negociação, além do desdobramento ocasional destas em discursos de reivindicações e exigências.

As transformações em Mumbuca no campo das relações de gênero também denotam dinâmicas de resistência e negociação. As memórias de Dona Laurentina falam sobre a resistência feminina do passado e do presente, do vínculo com o território e da conquista da liberdade. Suas narrativas revelam as dinâmicas de adaptação e negociação desenvolvidas pelas mulheres de Mumbuca, evidenciando que, simbolicamente, cada uma delas incorpora a essência do quilombo e de sua cosmologia.

A subordinação feminina nas sociedades, especialmente nas quilombolas, é um tema central nas pesquisas sociais.

gênero, em todos os grupos humanos, deve ser entendido em termos políticos e sociais com referência não a limitações biológicas, mas sim às formas locais e específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social [...] tendemos repetidamente a contrastar e insistir em diferenças presumivelmente dadas entre homens e mulheres ao invés de perguntar como essas diferenças são elas mesmas criadas por relações de gênero. (ROSALDO, 1995: 22-23)

Os relatos de Dona Laurentina sobre os papéis por ela desempenhados ao longo da vida, permitem a reflexão sobre as barreiras culturais construídas ao redor do gênero, e demonstram que esta desigualdade influencia no grau e extensão da participação dos indivíduos na organização da coletividade em que vivem.

As mulheres que antes foram capturadas, subjugadas e silenciadas pelas estruturas de dominação deram lugar a uma nova geração capaz de sustentar suas famílias e preservar suas tradições. Em Mumbuca, elas conquistaram e ampliaram seu protagonismo por meio do comércio de um produto sustentável, criando novas formas de poder e autonomia dentro da comunidade.

O artesanato de capim dourado uniu tradição e ecologia tornando-se a principal mola propulsora das transformações econômicas e sociais em Mumbuca. A

inserção das mulheres nas atividades comerciais ocorreu no contexto da percepção da rentabilidade do artesanato em proporções muito maiores que a da agricultura de subsistência. A mudança no eixo de geração de renda conferiu às mulheres o papel de principais provedoras do grupo, além de detentoras - por tradição - do saber que possibilitou sustento alternativo à comunidade quilombola.

Figura 3 – Loja em Mumbuca com artesanato da comunidade. Foto: Autora, 2012



Uma transformação socioeconômica não pode ser explicada meramente através de fatos ou contextos isolados. Ao analisar as mudanças nas relações de poder entre gêneros em Mumbuca e as narrativas de Dona Laurentina observa-se que a crescente centralização política e econômica na figura feminina da comunidade quilombola também transformou a autopercepção das mulheres.

Para Rita Segato (2001), a reflexão sobre as condições femininas em uma sociedade não deve ter por foco a questão da igualdade entre os gêneros, mas a análise dos múltiplos fatores que circunscrevem a vida das mulheres.

Não será o registro etnográfico dos papéis sociais por estes desempenhados nem a distribuição de direitos e deveres entre eles o que poderá provar ou rejeitar o caráter igualitário dos gêneros numa determinada sociedade. O que pode ser observado é o maior ou menor grau de opressão da mulher, o menor ou maior grau de sofrimento, o maior ou menor grau de autodeterminação, o maior ou menor grau de oportunidades, de liberdade, etc. (SEGATO, 2001: 3)

Em Mumbuca as relações entre gêneros trilharam um complexo processo desde a subjugação feminina enfrentada pelas indígenas no início da comunidade ao equilíbrio das potencialidades entre homens e mulheres na atualidade.

A subversão sempre esteve no cerne das origens quilombolas, entrelaçando-se com suas cosmologias e ecologias. Na cosmologia de Mumbuca o território árido do Jalapão transcende as representações de deserto inóspito e é ressignificado como um espaço de abundância, desafios, resistência e contínua transformação. As narrativas de Dona Laurentina apresentam complexas percepções do cerrado como um espaço de possibilidades, onde o vazio não é ausência, mas abertura para a criação, adaptação, negociação e resistência.

A história da matriarca de Mumbuca oferece uma perspectiva única sobre a resistência, as transformações de gênero e a cosmologia quilombola em defesa existencial. As mãos e saberes dos quilombolas de Mumbuca transformaram a escassez em oportunidade, promovendo equilíbrio diante da desigualdade em um território marcado por desafios. O artesanato feminino do capim dourado é uma expressão dessa relação íntima entre quilombolas e a ecologia do território.

Nas memórias de Dona Laurentina, o quilombo de Mumbuca resiste, transforma-se e perpetua-se. O cerrado do Jalapão, frequentemente visto como hostil, é símbolo de riqueza sob os cuidados de um povo quilombola que na paisagem árida descobriu uma terra que brotava ouro.

Recebido em 3 de fevereiro de 2025.

Aprovado em 4 de abril de 2025.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luís Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2009.

FARIAS, Juliana. Cardoso; VIEIRA, Irlaine Rodrigues; FIGUEIREDO, Luciano Silva; MAYO, Joseph Simon; ANDRADE, Ivanilza Moreira. Cosmovisión en el contexto del extractivismo de cajuí (*anacardium occidentale* L.) en el área de protección ambiental del Delta del Parnaíba, Piauí, Brasil. *Etnobiología*, 18 (3): 3-19, 2020.

FREDRYCH, Thelma Valentina de Oliveira. *Comunidade Mumbuca: vivendo os entraves e desafios por ter seu território incorporado ao Parque Estadual do Jalapão – TO*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente), UFT, 2009.

FREITAS, Daniel Antunes *et al.* Saúde e comunidades quilombolas: uma revisão da literatura. *Revista CEFAC*, 13 (5): 937-943, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JOUTARD, Philippe. “Desafios à história oral do século XXI”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. pp. 31-47.

MELO, Maíra Fernanda Tavares; BARROS, Flávio Bezerra. O mundo segundo os quilombolas do bairro Alto (Ilha de Marajó): cosmovisões acerca da vida e das relações sociedade e natureza. *Aceno – Revista de Antropologia*, 3 (6): 120-136, 2016.

MORIN, Edgar. *Para onde vai o mundo?* Petrópolis: Vozes, 2012.

MOMBELLI, Raquel. *Visagens e profecias: ecos da territorialidade quilombola*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, 2009.

PEREIRA, Ana Lúcia. *Famílias quilombolas: história, resistência e luta contra a vulnerabilidade social, insegurança alimentar e nutricional na comunidade Mumbuca – Estado do Tocantins*. Tese (Doutorado em Sociologia), FCLAR, 2012.

PEREIRA DE SOUSA, Karollyne; SCOLESO, Fabiana. Complexo da soja e agricultura mundializada no estado do Tocantins: configurações e impactos (2011–2021). *Desafios – Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 11 (3): 1-16, 2024.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3): 3-15, 1989.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*, 2 (28): 14-39, 1996.

RIBEIRO, Manuela. As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 44 (1): 125-141, 1995.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*, 1 (1): 11-36, 1995.

SAMPAIO, Maurício Bonesso. *Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do capim dourado e buriti*. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos, modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SCOTT, James. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, 21 (1): 10-31, 2002.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Sociedade e Estado*, 12 (2): 235-262, 1997.

SEPLAN – SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E MEIO AMBIENTE. *Plano de Manejo do Parque Estadual do Jalapão*, 2003.

SILVA, Ana Claudia Matos da. *Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão – TO*. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais), UnB, 2019.

VOLUME 12
NÚMERO 30
(SET./DEZ. 2025)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE AGOSTO
DE 2025

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS

SOBRE OS ESTUDOS DO CUIDADO

COORDENADORXS:

DR. FABIO DE MEDINA DA SILVA GOMES (UNEMAT)

DRA. LUDMILA RODRIGUES ANTUNES (UFF)

O trabalho do cuidado vem sendo compreendido como uma atividade de múltiplas dimensões na vida social, envolvendo desde o cuidado de outras pessoas, o autocuidado, o cuidado da casa, bem como ações governamentais direcionadas para determinados grupos sociais. Nesse sentido, esse dossiê pretende reunir pesquisas etnográficas sobre o trabalho do cuidado, com especial enfoque para questões envolvendo as múltiplas concepções sobre o chamado trabalho reprodutivo realizado, majoritariamente, por mulheres e dentro das casas.

30

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso